

# EDUCAÇÕES SELVÁTICAS ENTRE CORPOS E CIDADES

## SELVÁTICA'S EDUCATIONS BETWEEN BODIES AND CITIES

Thalita Alves Sejanas<sup>1</sup>

Kátia Maria Kasper<sup>2</sup>

**Resumo:** Uma pequena matilha atravessa a cidade de Curitiba e é por ela atravessada. Experiência de escrita que cartografa o processo de criação do espetáculo *Cabaret Macchina*, do coletivo Selvática Ações Artísticas. Escrita atenta aos movimentos e deslocamentos artísticos pela e com a cidade. O que podem artistas nas praças públicas? Esboçam-se pistas a propósito de processos de criação, seus trajetos, encontros, acasos e ocasiões. Disponibilidade para os encontros com humanos e não-humanos. Ilimitados modos de criar conexões, caosmose (GUATTARI, 1992). No vai-e-vem das cidades passam corpos radicalmente acordados. Traça-se uma cartografia (ROLNIK, 2018), envolvendo gestos de criação pela e com a cidade, nos efeitos dos encontros dos corpos, entre devires da arte e devires da educação. Desenha-se uma trama aracniana: saberes do corpo, fazer-se rede, movida pelos efeitos de tais encontros. Desenham caminhos e modos de fazer, estratégias para agir. Como fazer? Agir. Experimentar. Errar. Traçar é agir. (DELIGNY, 2015).

**Palavras-chave:** Corpo; criação; cartografia; devir; Fernand Deligny.

**Abstract:** A small pack crosses the city of Curitiba and is also crossed by it. A writing experience that cartographs the creational process of the show *Cabaret Macchina*, by the group *Selvática Ações Artísticas*. A writing that is attentive to artistic movements and displacements in and with the city. What can artists in public squares do? Clues are outlined regarding the creation processes, their paths, encounters, chances and occasions. Availability for encounters with humans and non-humans. Unlimited ways to create connections, chaosmosis (GUATTARI, 1992). In the coming and going of cities radically awakened bodies pass. A cartography is drawn (ROLNIK, 2018), involving gestures of creation by and with the city, in the effects of bodies' encounters, between the becomings of art and the becomings of education. An Arachnian thread is drawn: knowledge of the body, becoming a web moved by the effects of such encounters. Multiple paths and ways of doing things are drawn, strategies for acting. How to make it? Acting. Experimenting. Making mistakes. Tracing is acting. (DELIGNY, 2015).

**Keywords:** Body; creation; cartography; becoming; Fernand Deligny.

Rua.  
O vai-e-vem é constante.  
Mínimos encontros.  
Esbarros.  
Agressões.  
Solidariedades.  
Traumas.  
Sonhos.  
Inesperadas vizinhanças.

Fragments of a dissertation of master's degree, that accompanied the collective *Selvática Ações Artísticas* in the creation of the show *Cabaret Macchina*, during the year of 2018, in Curitiba

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR).

(SEJANES, 2020). Em diversos lugares da cidade, aproximadamente vinte pessoas se encontravam para criar um espetáculo, cabareteiras e equipe técnica. Uma pequena massa, malta, bando de corpos políticos atravessa a cidade e é por ela atravessada. O que podem artistas nas praças públicas? O que faz esse coletivo com o ambiente? No verão, de um país cujo ano anterior estava marcado por sucessivos casos de censura às artes<sup>3</sup>, decidem realizar um espetáculo com e na rua. “Nós não nos esconderemos”<sup>4</sup>. No vai-e-vem das cidades passam corpos radicalmente acordados.



Fonte: Cartas de tarot desenhadas para o espetáculo Cabaret Macchina

A cidade de quem anda a pé, a proximidade, a velocidade, os sobressaltos. A rua do imprevisto, esquina com a rua do improvável. Artistas do sul da América Latina, de diferentes idades, trajetórias, formações e interesses. Desse coletivo emergem trabalhos solos, duplas, trios, partes do todo, atuações em artes visuais, música, performance, teatro, crítica, dramaturgia e literatura. Multiplicidade de relações que esse cabaré leva para a rua. Um bando, uma malta, e a roda da fortuna. Máquina de Guerra.

Quanto a máquina de guerra em si mesma, parece efetivamente irreduzível ao aparelho de estado, exterior a sua soberania, anterior a seu direito: ela vem de outra parte.[...] Não se reduz a um dos dois, tampouco forma um terceiro. Seria antes como uma multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose. Desata o liame assim como traí o pacto. Faz valer um furor contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma máquina contra o aparelho. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13).

<sup>3</sup> O ano de 2017 no Brasil foi marcado por episódios de censura a temas contemporâneos na arte como as narrativas LGBTQIA+ e censura a temas recorrentes, como a nudez.

<sup>4</sup> Dramaturgia de Cabaret Macchina – uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática, de Francisco Malmann e Leonarda Glück a partir da obra de Heiner Müller.

Tecem um texto, uma dramaturgia com a cidade, a partir do excesso e saturação da linguagem. A adaptação da adaptação, Heiner Müller adaptando Shakespeare, Selvática adaptando-os, a linguagem do cabaré. Cânones e recriações. Essa rede que se encontra para trabalhar em uma criação. Aproveitando-se de tudo que atravessa o caminho, a relação intensa com a cidade, com a palavra e com a escuta do próprio corpo. “A cidade é uma ferida aberta. O nosso drama é o marco central de todas as periferias do mundo. Artistas de Cabaré fogem de seus bueiros, tocas e frestas na busca por um herói. Ou melhor.... Uma heroína”.<sup>5</sup>

A disponibilidade para o encontro: rua, pessoas, textos, conceitos, arquitetura, entidades humanas e não-humanas. Múltiplos atravessamentos vividos com o corpo inteiro e uma pesquisa que não se separa da vida. “Não existe arte experimental, sem uma vida experimental”<sup>6</sup>. Um modo infinito e ilimitado de fazer conexões, caosmose. Inspiração para partir e múltiplos pontos de partida. Derivar na busca de algo que não existe. Alianças.

Educações inventadas nos gestos de criação na (da) cidade. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 5). A invenção de caminhos e modos de fazer, abertura radical para a cidade, terreno extremo da alteridade, e suas intensidades. Desenham estratégias para agir. Como fazer? Agir. Como fazer? Experimentar. Como fazer? Errar categoricamente.



Fotografia: Francisco Mallmann

### **I**

*Um banquete na Praça José Borges de Macedo, no centro de Curitiba.  
Farta mesa grande e cadeiras de metal rosa, dessas de bar.  
A ação começa com uma leitura de tarot.*

### **II**

*Algumas pessoas entram na cena, e as artistas contracenam com.*

### **III**

*Acontece uma marcha e um desfile sem passarela, um desfile na praça.*

<sup>5</sup> Dramaturgia de Cabaret Macchina – uma pós-ópera anti-epidiana da Casa Selvática, de Francisco Mallmann e Leonarda Glück a partir da obra de Heiner Müller.

<sup>6</sup> Anotação de conversa, diário de bordo: acompanhamento do coletivo, procedimento de pesquisa para a dissertação “Trajetos-processos de uma criação selvática pela cidade”, 2020.

<sup>7</sup> Em destaque composições a partir do diário de bordo: acompanhamento do coletivo, procedimento de pesquisa para a dissertação “Trajetos-processos de uma criação selvática pela cidade”, 2020.

**IV**

*Um corpo adulto rola na praça.  
Rola e senta no chão o corpo de artista de cabaré.*

Pequenas e efêmeras plateias, textos ecoando pelas marquises, fragmentos de cena. Exercício de cidade. Um projeto para atingir corações. Além dos corpos apressados, dos trajetos definidos. Tantos. Muitos. Corpos curiosos. Uma cidade de corpos intrigados. “É teatro?” E, e, e...

**V**

*Um experimento de cena, ecoam fragmentos de texto de Heiner Müller na praça.  
Um personagem autoritário surge, um paredão de artistas em posição de batida policial.  
Corpo-estado-de-alerta.*

**VI**

*Uma personagem com chapéu de cowboy e botas de plástico propõe a caminhada na quadra com o coletivo unido por uma imensa corda.  
A poucos metros do fluxo intenso de carros na rua.  
Velozes olhares.  
Corpos juntos. Aglomeração. Qualquer movimento afeta o todo.  
A corda materializa essa rede que se cria na calçada, desenha na cidade.*

Para o poeta e pedagogo Fernand Deligny, a rede é um modo de ser. Quando o espaço se torna restrito, cria uma espécie de fora que permite ao humano existir. “De uma rede a outra, coincidências. O que há de semelhante na situação que as provoca? Um excesso de restrição.” (DELIGNY, 2015, p. 63). Acontecem o tempo todo. Ao acompanhar uma rede de crianças ditas autistas, Deligny corta o sinal com o que chama de mensagens embrulhadas, cifras, decodificadas. O que se pensa que se sabe sobre este modo de ser singular.

A partir do encontro busca, traçando mapas de trajetos cotidianos e escritos, acompanhar a coletividade a partir de seus mínimos gestos.

Educador que vaga.  
Educador que não sabe.  
Educador que traça.

Ao desenhar, prática intimamente ligada à atenção, Deligny (2015) elabora um olhar minucioso para a rede que acompanha: observa infinitamente, mapeia repetições, percebe acasos, amplia escutas, produz aberturas. Lança-se ao encontro. “Também se poderia dizer que esses trajetos têm uma rede, constituem a rede, fazem-se em rede. Assim é com o aracniano: nunca se sabe se ele trama, ou se consiste apenas em ser tramado” (p. 23).

**VI**

*Se aglomeravam e distanciavam na praça.  
“Imagem que existe um fio que liga essas corpos”<sup>8</sup>  
Juntas em corpo coletivo.  
Espalhadas em pontos de performance.*

---

<sup>8</sup> Anotação de conversa, diário de bordo: acompanhamento do coletivo, procedimento de pesquisa para a dissertação “Trajetos-processos de uma criação selvática pela cidade”, 2020.

Deligny inspira procedimentos desta pesquisa. Criar com ele mapas de textos emaranhados. Artistas maquinando um texto com a cidade, e-mails trocados, um caderno de criação. Experimentar procurar palavras pela cidade. Fragmentos da dramaturgia. Artistas indo para a rua com perguntas:



Fonte: E-mail de Francisco Mallmann, dramaturgo de Cabaret Macchina

## VII

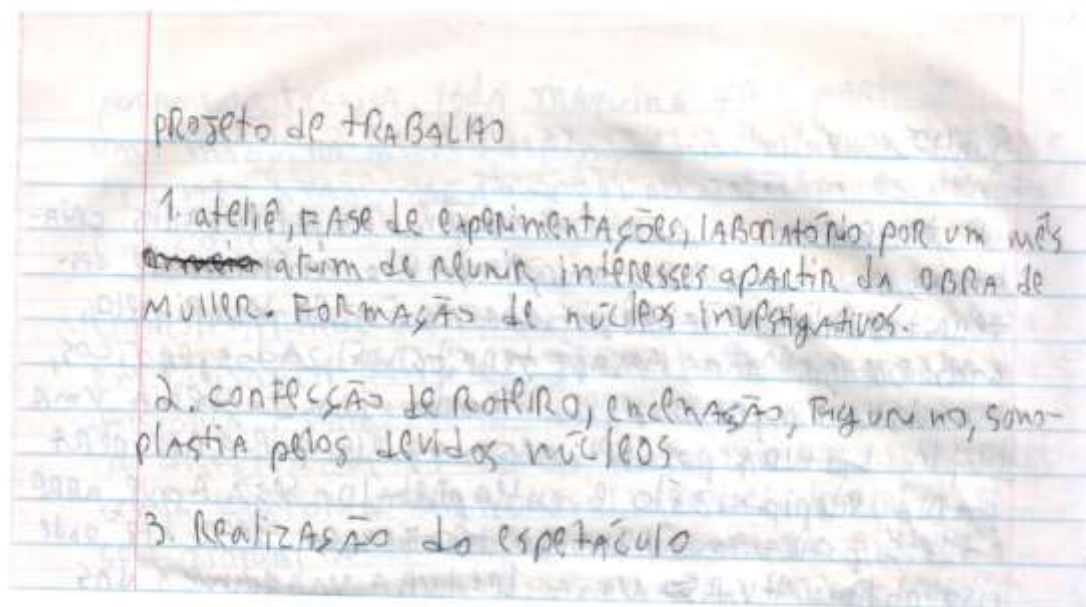
*Um jogo de queimada na praça Santos Andrade. Um torneio de vedetes. Uma quadra improvisada com mochilas e gambiarras. Duas comentaristas munidas de microfones e caixas de som: "É como um grande bale russo... Um time defende a territorialização e outro a desterritorialização de seus territórios [...]. Neste jogo não tem perdedores. Neste jogo não tem vencedores.*

A potência política de não temer fracassar. Frente as imagens de sucesso capitalístico. “-Fracassar, fracassar melhor.”<sup>9</sup> Não existe erro quando se fala em experimentação. Em um cenário de precarização de vida na terra, intensas transformações. Incorporar o estado-de-alerta. Desastres ambientais, sociais e subjetivos. Caminhar com as artistas pela cidade observando um modo de não deixar de agir. A ecosofia deverá passar também pela reinvenção dos sentidos, constante mutação dos sentidos de existir e conviver. Estética ética.

Propor ações. Compartilhar procedimentos que produzem diferentes resultados. Convite ao improviso. Ações para o movimento (do corpo e do texto). Criar procedimentos próprios. Criar leituras próprias. Criar situações para criar. Manter-se criando. Não parar. “Em todas as frestas.”<sup>10</sup>.

A mão toma notas no caderno. Anota coisas num gesto forte, que marca o verso do papel. Cadernos são abertos para trazer notas de pensamento ao coletivo. Inquietações, inspirações, sensações, desejos, dúvidas, observações, sentimentos, conflitos, convergências, diferenças, alianças, encontro. Nem sempre concordam, mas criam juntas. Uma pesquisa como efeito de encontros.

Esta cartografia pensa a criação a partir do processo. Procedimentos e uma disponibilidade de abertura para o mundo e suas intensidades. Disposição que se percebe nas artistas e no texto do educador e poeta Deligny. Não é sobre um resultado de produção, mas da relação entre a criação e a alteridade, entre criar e agir. Entre o que se produz e o desejo. Criação como uma potência do vivo, o que Suely Rolnik (2018) chama de potência de criação.



Fonte: Caderno de anotações do diretor Ricardo Nolasco

A potência de criação na lida com a cidade - povoamentos e territorialidades múltiplas, convívios, reparar e ser reparado em variados e singulares modos de viver e estar - convida a pensar a criação em um registro expandido de potência, ética e estética, que desloca a questão da arte/da artista para a criação como potência de afirmação da vida e disponibilidade de

<sup>9</sup> Anotação de conversa, diário de bordo: acompanhamento do coletivo, procedimento de pesquisa para a dissertação “Trajetos-processos de uma criação selvática pela cidade”, 2020.

<sup>10</sup> Anotação de diário de bordo.

recriação constante dos modos de viver. “Poderíamos chamar isso de máquina! Máquina desejanje produzindo vida.”<sup>11</sup>

Estar à altura da vida depende de um processo de criação que tem sua temporalidade própria, distinta do tempo cronológico da esfera macropolítica em que o ritmo é previamente estabelecido. Desse processo resultam devires de si e do mundo, diferentemente da dinâmica própria à esfera macropolítica, na qual as formas vigentes se repetem por princípio. (ROLNIK, 2018, p. 112)

Tantas educações produzidas no olhar para a alteridade como abertura radical para os encontros. Encarando o desconhecido, desviando da interpretação compulsória. Olhar o que não é espelho, estar em coletividade. Procedimentos artísticos vão contaminando outros lugares, produzindo pedagogias outras, acolhedoras do acontecimento. (TÓFFOLI; KASPER, 2018, p. 91)

Ao criar na praça, realizando seu trabalho, as artistas atuam na produção de subjetividade, em um cenário onde a tendência é a alteridade “perder toda a aspereza” (GUATTARI, 2011, p. 8). Elas não estavam na cidade para consertá-la, resolvê-la, traduzi-la ou qualquer outro sentido de intervenção. Mas, pelo contrário, criando estratégias para estar e relacionar-se com as múltiplas linhas de seu caos e incorporá-lo como matéria de criação. Em *Caosmose*, Guattari (1992, p. 130) afirma que a potência estética de sentir está em vias de ocupar uma posição privilegiada nos agenciamentos coletivos de enunciação de nossa época. Atento às relações entre as problemáticas urbanas e a produção da subjetividade, o autor aponta ainda a necessidade de uma reorientação radical da produção, seus meios e finalidades, para se preservar a vida no planeta. Nesse sentido, a consciência ecológica levará em conta não apenas fatores ambientais, mas uma transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos (GUATTARI, 1992, p. 173).

Processos de criação fazem fissuras nos caminhos previstos. Invenção de modos de fazer, agir. Aproveitar o estado de alerta. Aproveitar o barulho de tudo. “É preciso haver uma necessidade, tanto em filosofia quanto alhures, caso contrário nada há. Um criador não é um padre que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade” (DELEUZE, 2016, p. 333).

A cidade que, intensivamente, atravessa e produz corpos, saberes e subjetividades. Lógica das intensidades, eco-lógica, proliferando entre arte e vida (KASPER, 2014). “Uma ordem objetiva “mutante” pode nascer do caos atual de nossas cidades e também uma nova poesia, uma nova arte de viver. Essa ‘lógica do caos’ pede que se examinem bem as situações em sua singularidade.” (GUATTARI, 1992, p. 175). Processos de criação: não extinguem, não esgotam, não resolvem, não dão conta do assunto. Esse coletivo numa praça, criando, existindo, acordando corpos.

Ser um corpo absolutamente vivo na praça, que não dissocia vida de sonho... O que podem as artistas?

– São perigosas!

## Referências

DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975 – 1995)*. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Ed. 34, 2016.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

<sup>11</sup> Dramaturgia de Cabaret Macchina – uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática, de Francisco Malmann e Leonarda Glück a partir da obra de Heiner Müller.

DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. Tradução de Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2011.

GUATTARI, F. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

KASPER, K. M. Eco-lógica: Efigênia entre arte e vida. *Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 20, n. 2, p. 331-344, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132014000200331&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132014000200331&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 09 jan. 2021.

KASPER, K. M.; TÓFFOLI, G. S. Errâncias: cartografias em trajetos de-formativos. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v. 36, n. 72, p. 85-98, 2018. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666>. Acesso em: 19 ago. 2020.

ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SEJANES, T. A. *Trajetos-processos de uma criação selvática pela cidade*. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/67656>. Acesso em: 13 jan. 2021.

### Sobre as autoras

**Thalita Alves Sejanés**. Mestre em Educação e Ciências e Matemática pela UFPR. Professora de artes na educação básica.

*E-mail:* [thalitasejanés@gmail.com](mailto:thalitasejanés@gmail.com).

**Kátia Maria Kasper**. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

*E-mail:* [katiakasper@uol.com.br](mailto:katiakasper@uol.com.br).